

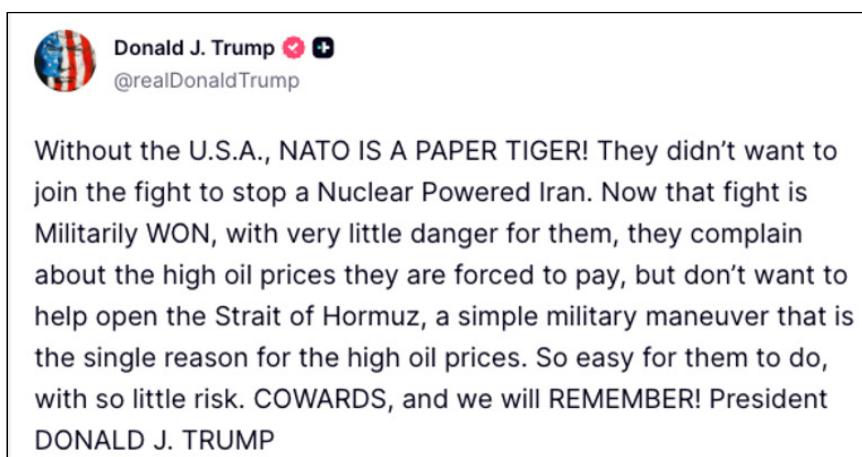
DA ‘FACILIDADE’ DAS OPERAÇÕES MILITARES NOS ESTREITOS

Perante a situação criada pela ‘operação militar especial’ dos EUA e de Israel contra o Irão, encontra-se o mundo confrontado com um bloqueio do estreito de Ormuz, acção retaliatória do governo de Teerão, para impedir a conclusão vitoriosa das acções ofensivas desencadeadas a partir de 28 de Fevereiro do corrente ano.

Essas acções – bombardeamentos com meios aéreos e mísseis – não só foram de uma enorme intensidade e precisão, como deram azo a grandes declarações públicas dos responsáveis políticos dos dois países agressores, vangloriando-se do êxito obtido. A satisfação proclamada, no entanto, logo teve de se confrontar com alguns pormenores menos condizentes com o propósito de uma vitória rápida. Provavelmente, haverá que rever, no futuro, a ideia de que as ‘operações militares especiais’ – contrariamente às ‘guerras’ – se levam a cabo para obter velozes vitórias. É que, no meio das celebrações da grande destruição obtida nos alvos iranianos, se constatava que o inimigo lograva manter uma certa capacidade de fogo e acabara por bloquear a navegação do estreito de Ormuz. Com alguma surpresa, não tardou a perceber-se que, das declarações de Donald Trump, se deduzia que a reabertura da rota de transporte de combustíveis e fertilizantes, tão marcadamente importante para a economia mundial, NÃO ERA TAREFA para adicionar aos êxitos logrados por americanos e israelitas.

Segundo o presidente dos EUA, seria tarefa adequada para os seus aliados da OTAN. Tinha terminado a ‘Liga dos Campeões Navais’ e a tarefa que faltava era apropriada para uma competição mais modesta, uma ‘Liga Europa Naval’. Essa transferência de responsabilidade iria permitir a gestão dos planteis israelitas e americanos, já a pensar nos trabalhos cubanos. Para sua grande irritação, os parceiros da OTAN, diversas vezes por ele maltratados, declararam-se dispostos a colaborar, mas só depois de terminadas as acções de combate. Esta resposta levou o presidente a uma reacção inflamada, na qual se sublinhava a pequenez dos aliados perante uma missão que reputava de ‘fácil’. Concretamente, escreveu Donald Trump:

Sem os EUA, a OTAN É UM TIGRE DE PAPEL! Eles não querem aderir à luta para parar um Irão com Capacidade Nuclear. Agora que a luta está militarmente VENCIDA, com muito pouco risco para eles, queixam-se do alto custo dos combustíveis que são forçados a pagar, mas não querem ajudar a reabrir o Estreito de Ormuz, uma manobra militar simples que constitui a única razão para a alta dos preços dos combustíveis. Tão fácil de fazer para eles, com tão baixo risco. COBARDES, havemos de nos LEMBRAR! Presidente Donald Trump.



Das muitas leituras que fiz sobre este preciso tema, muitas opiniões vão no sentido de discordar da pretensa ‘facilidade’ da operação de reabertura do estreito. Apesar de não me poder vangloriar (nem eu, nem ninguém) de ter lido tudo ou televisto tudo, o certo é que não vi citado o exemplo da guerra naval no Mar Negro, no âmbito da operação militar especial da Rússia contra a Ucrânia. Estamos bem lembrados de como a Ucrânia, com a sua pequena marinha destruída, logrou atacar os navios da frota russa no Mar Negro, utilizando essencialmente drones aéreos e navais. Essas acções foram de tal modo eficazes que, desde há muitos meses, os meios navais russos saíram da Crimeia e se refugiaram bem para leste, para as imediações de Novorossiysk.

Tendo esta experiência em consideração, a mensagem ameaçadora de Trump acima citada espelha bem o nível em que se encontra a orientação técnica da ‘Liga dos Campeões Navais’. Os europeus, no entanto, devem lembrar-se da loucura militar em que embarcaram quando, em 1915, pretendendo prestar auxílio ao Império Russo, se dispuseram a forçar a travessia dos Dardanelos unicamente com meios navais. A aventura de Gallipoli, que levaria à demissão de Winston Churchill do cargo de 1.º Lord do Almirantado, merece ser recordada.

Entretanto, sabemos que duas Unidades de Fuzileiros dos EUA se encontram a caminho do Mar Arábico, aparentemente para se empenharem numa manobra anfíbia. Julgo que vamos ter novidades importantes sobre esta ‘manobra simples e fácil’.

Por fim, convido os leitores a verem o meu PowerPoint sobre as operações aliadas na península de Gallipoli, em 1915, igualmente concebida como operação ‘simples e fácil’.

David Martelo – 21-03-2026